



Dispositivos de entrada e saída

Concepção, produção de conteúdo, edição e design gráfico
Valéria Prates Gobato

Ilustrações
Azeite de Léos

Instituto Tomie Ohtake
Ação Educativa
Felipe Arruda
Diretor

Projetos
Luís Soares
Coordenação
Victor Santos
Assistência

Equipe O Adolescente e a Cultura
Luana Minari
Beatriz Sano
Felipe Melo Franco
Paula Artioli
Victor Santos

Convidados
Carolina Velasquez
Elana Pereira
Paula Petreca
André Capuano
Jerônimo Bittencourt
Daniela Ortega
Joyce Rodrigues
Gilberto Vieira
Ocupeacidade
Azeite de Léos

Realização:

Apoio:



Dispositivos de entrada e saída

Nota introdutória

“Dispositivos de entrada e saída” é uma publicação pedagógica que propõe situações de exploração e investigação da cidade por meio de trajetórias experimentais, coletivas ou individuais.

A elaboração destes dispositivos se inspirou no processo criativo vivido durante um ano pelos jovens participantes do projeto “O Adolescente e a Cultura: a formação como criação, reflexão e intervenção”, dos Laboratórios de Inclusão Cultural da Ação Educativa do Instituto Tomie Ohtake.

Os dispositivos são, portanto, o resultado de um processo de síntese poética, fruto da apropriação das oficinas que fizeram parte deste percurso.

Esta publicação é composta por 22 dispositivos, que podem ser experimentados nos mais diversos lugares ou contextos. Um material que não determina começo nem fim específicos, pois se constitui ele todo de processos não-lineares, que pretende que seus desdobramentos em forma de exercícios práticos possam alcançar resultados muito diversos entre si, já que pessoas produzem e reagem a instruções de diferentes maneiras.

Essa publicação é, portanto, um convite à deriva, ao risco. Um desafio, um experimento, uma vontade de subversão, um exercício de liberdade, a partir do confronto com escolhas. É um ponto de partida.

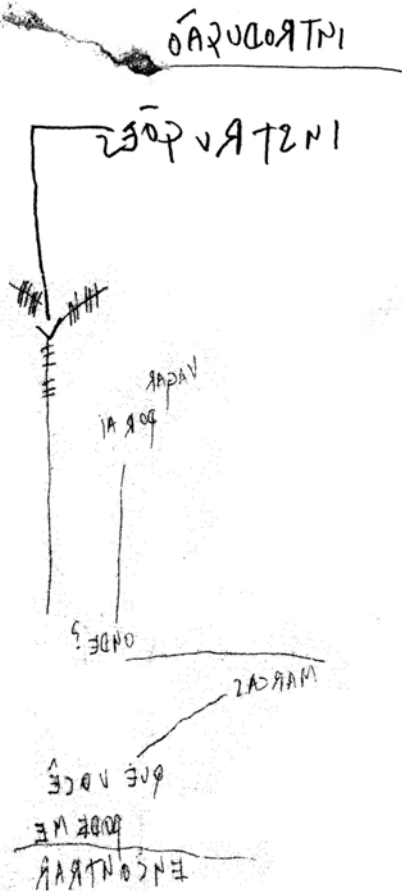
Introdução

“Dispositivos de entrada e saída” é um convite à deriva. Seus pontos de partida envolvem ações simples e rotineiras, como uma atividade no espaço. O leitor é convidado a participar de situações de exploração e investigação no espaço público, que se torna um laboratório de experimentação coletiva, bem como de pesquisa.

Os dispositivos são instruções simples, que podem ser aplicadas a qualquer contexto ou lugar. Seu formato, aparentemente de um experimento controlado, se abre para uma experiência imprevisível, podendo gerar resultados inesperados e eventos ao acaso na cidade.

Como um guia para se perder, esta publicação conta com 22 dispositivos inspirados no processo criativo vivido pelos jovens participantes do projeto “O Adolescente e a Cultura: a formação como criação, reflexão e intervenção”. Ao longo de 12 meses, XX jovens de diferentes locais da cidade de São Paulo foram convidados a participar de discussões e exercícios que problematizam dois assuntos centrais: acesso à cidade e direito à cultura. Os dispositivos foram elaborados por meio de um processo de síntese poética a partir da apropriação das ações que fizeram parte do percurso destes jovens.

A ideia de se apropriar das ações e transformá-las em dispositivos surgiu da vontade de sintetizar como método de trabalho o conteúdo dos exercícios realizados pelos educadores do projeto, dotando-lhes nesta publicação de formas poéticas e artísticas inspiradas em artistas visuais cuja obra envolveu grandes doses de investigação do espaço público como campo de experimentação, dentre eles: Yoko Ono, Allan Kaprow, Guy Debord, Fluxus, e Marcel Duchamp; e também movimentos artísticos, como o Situacionismo, o Neo Concretismo e os Happenings. Tais artistas e movimentos tem como ponto de convergência a criação de instruções e situações efêmeras que produzam novas relações sociais, e novas realidades sociais. Estes experimentos sociais têm como objeto de pesquisa os modos de engajamento e seu potencial como prática transformadora. Claire Doherty descreve estes experimentos como “pequenos gestos em locais específicos que agem como um quebrador de circuitos no fechado sistema de equivalência habitual entre sinais” (DOHERTY, p.). Para estes artistas importa mais a experiência do que a informação compilada e representada.



A deriva e a instrução como método

Claire Doherty descreve o espaço público como um espaço “fragmentado, constituído de inúmeros espaços e formações as quais às vezes se conectam e outras se fecham; e que estão em conflito e contradição uns com os outros” (2010, p. 16). A rotina transforma nossa relação com o espaço, tornando-o um lugar de passagem por meio de ações mecânicas e repetitivas do nosso dia-a-dia. Como consequência, perdemos em muitos momentos a habilidade de traduzir códigos do espaço que nos rodeia.

Na década de 1960, vê-se o surgimento de movimentos artísticos como o Situacionismo (França), os Happenings (EUA) e o Neoconcretismo (Brasil) compostos por artistas cujos processos criativos estão comprometidos com a vivência na cidade contemporânea e que possuem a deriva e a instrução como método, isto é, criam em seus trabalhos dinâmicas de experimentação e descrição do espaço urbano.

Para os situacionistas, a deriva era uma das práticas de base para a pesquisa, definida como uma técnica de passagem rápida por ambientes variados e pela atração e o encontro com elementos do espaço transitado. Durante a deriva é preciso se desvincular de suas relações anteriores estabelecidas com este ambiente, como atividades de trabalho ou lazer, ou qualquer outro motivo habitual para o movimento e a ação, e deixar-se atrair pelos elementos que compõem este lugar e dos encontros que este proporciona. Propõe-se assim, uma jornada além dos limites do familiar.

A interpretação como processo

Além dos situacionistas, vale destacar também os trabalhos da artista japonesa Yoko Ono e do americano Allan Kaprow. Tais artistas propõem, na década de 1960, trabalhos feitos pelo público por meio de instruções, criando acontecimentos que são verdadeiras experiências sociais, como é o caso de “18 happenings in 6 parts” (18 acontecimentos em 6 partes), de Kaprow, e “Grapefruit”, de Yoko Ono.

As derivas são oportunidades de fruição e reinvenção do espaço da cidade. Sua documentação pode apresentar formas espontâneas de ocupação do espaço, a monotonia da vida contemporânea, ou cartografias e narrativas afetivas.



Duas grandes questões dão profundidade aos trabalhos citados acima e serviram como ponto de partida para a criação destes dispositivos:

“Quão a risca uma instrução deve ser seguida? ”

“Como uma ideia muda no processo de realiza-la? ”

Os produtos estão entre a interpretação e a negociação. E assim uma simples instrução cujo o texto descreve uma ação aparentemente limitada tem como resultado diferentes respostas e performances, dada sua abertura a interpretação, e isto move o indivíduo em direção a liberdade. Propõe-se assim, uma série de diversas interações que alteram parâmetros espaciais e temporais. Segundo Claire Bishop, “somos todos capazes de inventar nossas próprias traduções. Apropriar para nós mesmos e fazer uso de jeitos nunca imaginados nem mesmo pelo próprio autor” (2006, p. 16). Esta capacidade enriquece o conteúdo das instruções com suas múltiplas e imprevisíveis interpretações. É durante este processo que se estabelece um vínculo com o meio e que nos tornamos consciente de como estas interações acontecem.

Dispositivos de entrada e saída

Esta publicação pretende ser um ponto de partida para suas próprias ideias e dispositivos, como uma ferramenta que atua em diferentes contextos e lugares inserindo, subtraindo, compartilhando, armazenando ou processando informação. É também um convite para a criação de novos dispositivos que podem ser instruções, ideias, experiências, afirmações, desafios, um acontecimento.

É importante ressaltar a potência de suas ações e como estas podem afetar seu meio bem como a vida das pessoas que estão a sua volta. Seja corajoso. Arrisque-se e aprofunde sua pesquisa.



Referência Bibliográfica

- BISHOP, Claire. Participation Documents of Contemporary Art. Londres: Whitechapel Gallery, 2006.
- DOHERTY, Claire. Situation. Documents of Contemporary Art. Londres: Whitechapel Gallery, 2009.
- INVERSEN, Margaret. Chance. Documents of Contemporary Art. Londres: Whitechapel Gallery, 2010.
- Kaprow, Allan. Essays on the blurring of Art and Life. California: University of California Press; 2003.
- OBRIST, Hans Ulrich. Do it: the compendium. Nova Iorque: ICI, 2012.
- ONO, Yoko. Grapefruit: a book of instructions and drawing by Yoko Ono. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1964.

Agradecimentos

Agradecemos a todos os colaboradores do projeto “O Adolescente e a Cultura: a formação como criação, reflexão e intervenção”. Em especial aos educadores e artistas Beatriz Sano, Paula Artioli, Victor Santos, Elana Pereira, Carolina Velasquez, Paula Petreca, André Capuano, Jerônimo Bittencourt, Daniela Ortega, Joyce Rodrigues e Gilberto Vieira; criadores e responsáveis pelas ações que inspiraram a criação dos dispositivos. Por fim, à parceria do artista Azeite de Léos, pela produção de ilustrações sensíveis e cuidadosas.

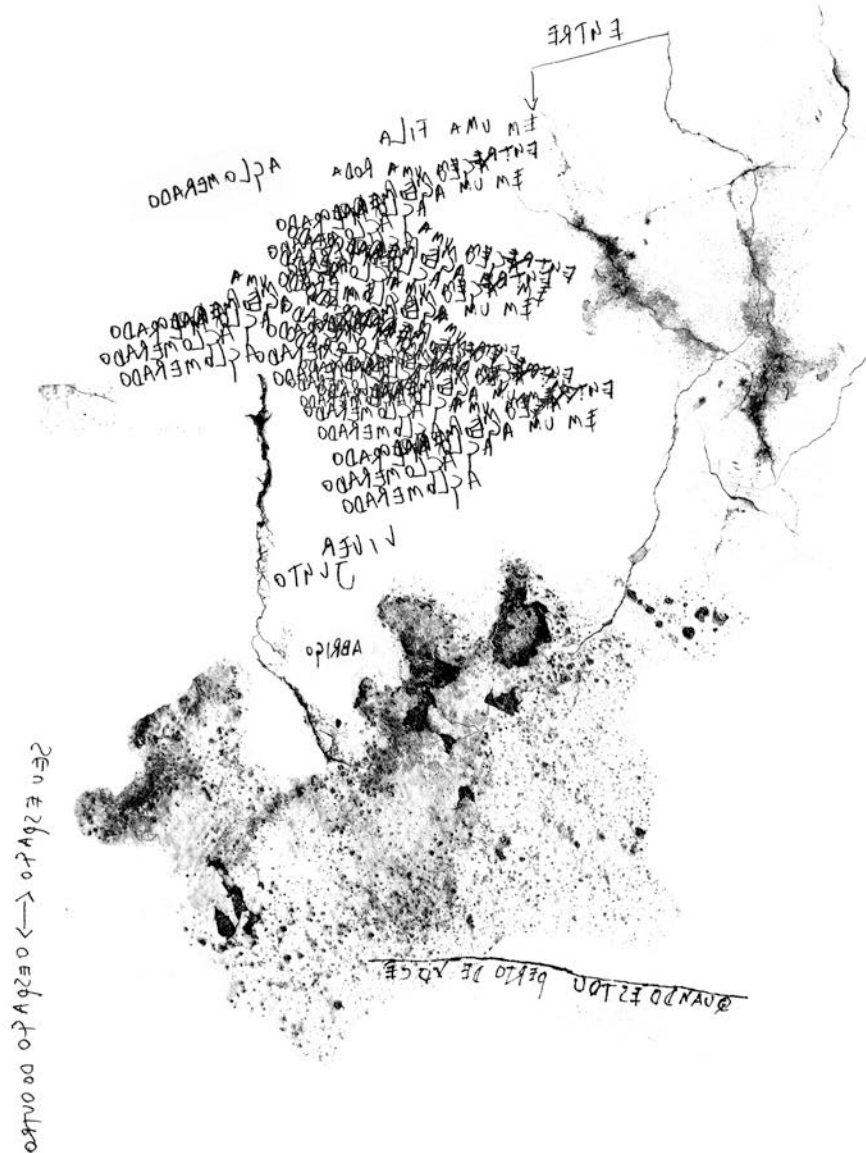


20VIT1209210
ADARADA 50
ADIAZ E



Entre espaços

Caminhe entre dois corpos
dois objetos
um corpo e um objeto



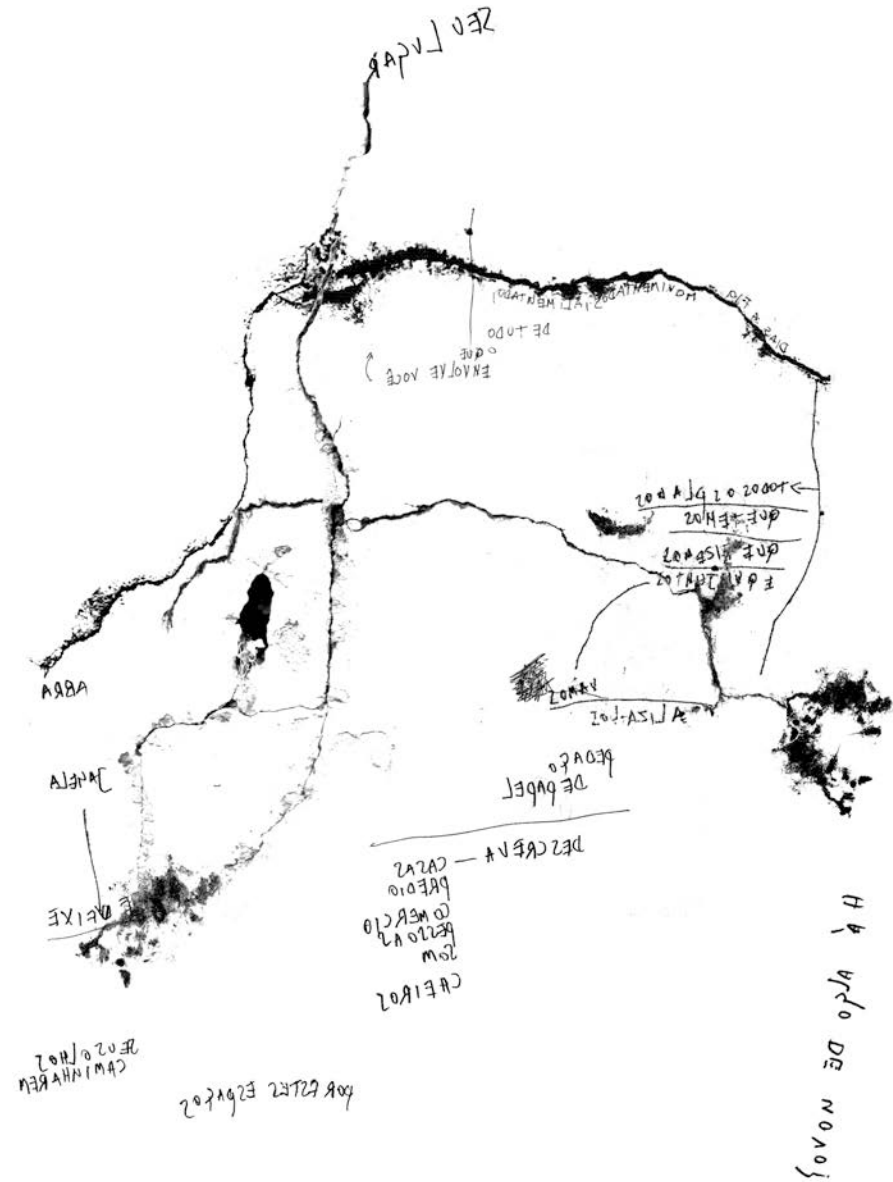
Viver junto

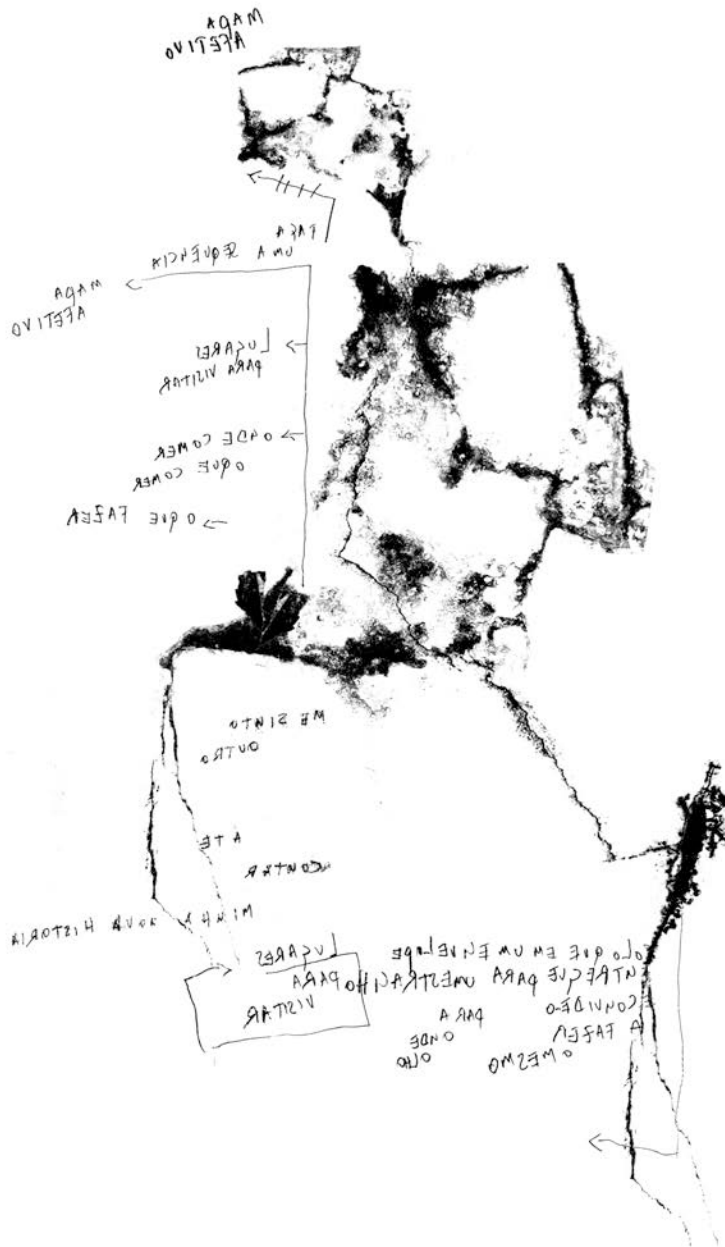
Entre em uma fila
em uma roda
em um aglomerado

Ocupe seu espaço
Perceba o espaço do outro

Seu lugar

Pegue um pedaço de papel e descreva sua rua.
Casas, prédios, comércio, pessoas, som, cheiro.
Agora abra a janela e deixe seus olhos
caminharem por este espaço.
Há algo de novo?





Mapa afetivo

Faça uma sequência de até 10 imagens de seu bairro.
Pontue nestas imagens lugares para visitar, onde comer, o que comer, o que fazer, para onde olhar. Elabore um mapa com estas imagens. Copie esta instrução ao final. Coloque-o em um envelope e entregue para um estranho. Convide-o a fazer o mesmo

Em quadrado

Recorte a moldura abaixo.

Escolha um objeto e coloque-o dentro deste quadrado.

Faça uma lista dos pontos que mais te chamam a atenção na imagem que se forma.

Explore o objeto apenas através da moldura.

Se aproxime lentamente.

caminhe em volta do objeto.

Faça uma nova lista com outras observações.

Compare as duas listas.

Reflita sobre as transformações ao longo do seu processo de percepção.

EM QUADRADO



Explora o objeto
Faz uma lista de pontos
deste quadrado
dentro
do objeto
abaixo
moldura
recorte

REFLECTA SOBRE AS
TRANSFORMAÇÕES
AO LONGO DO
SEU PROCESSO DE
PERCEÇÃO

RECORTA
A MOLDURA
E COLOCA
DENTRO
DESTE QUADRADO
UM OBJETO

DO SEU PROCESSO DE PERCEÇÃO



O cinema mudo de cada dia

Pare onde você está.

Olhe ao redor.

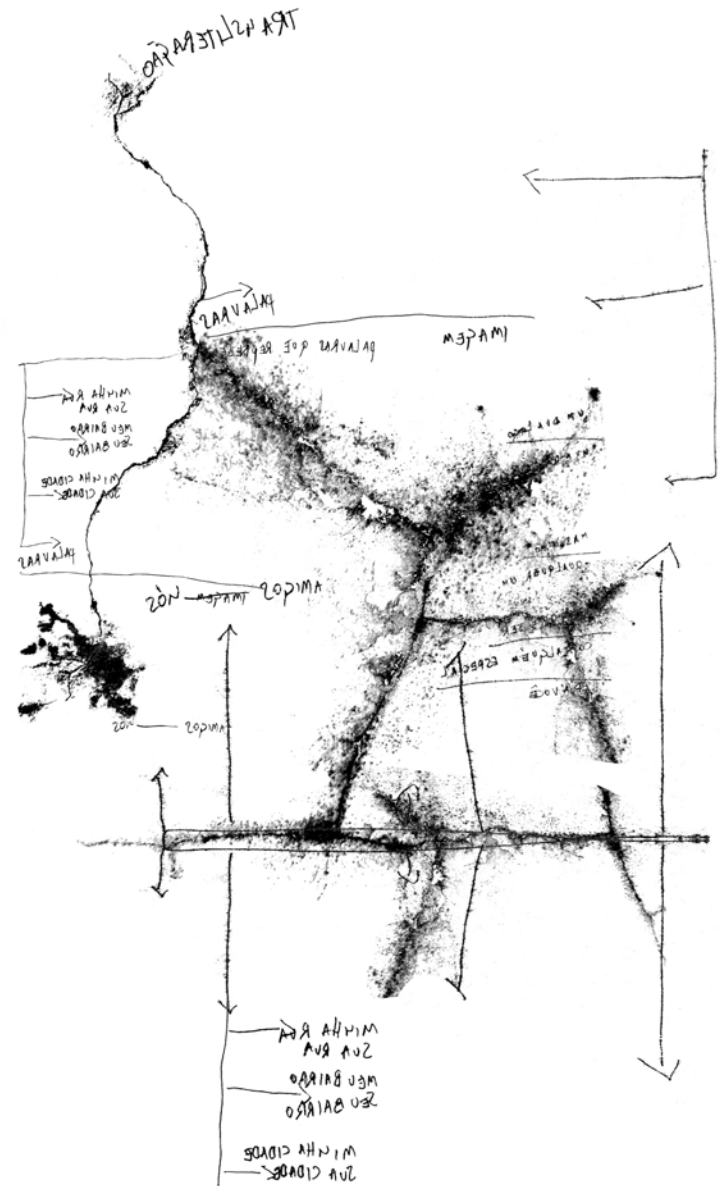
De quantos silêncios esta paisagem é formada?

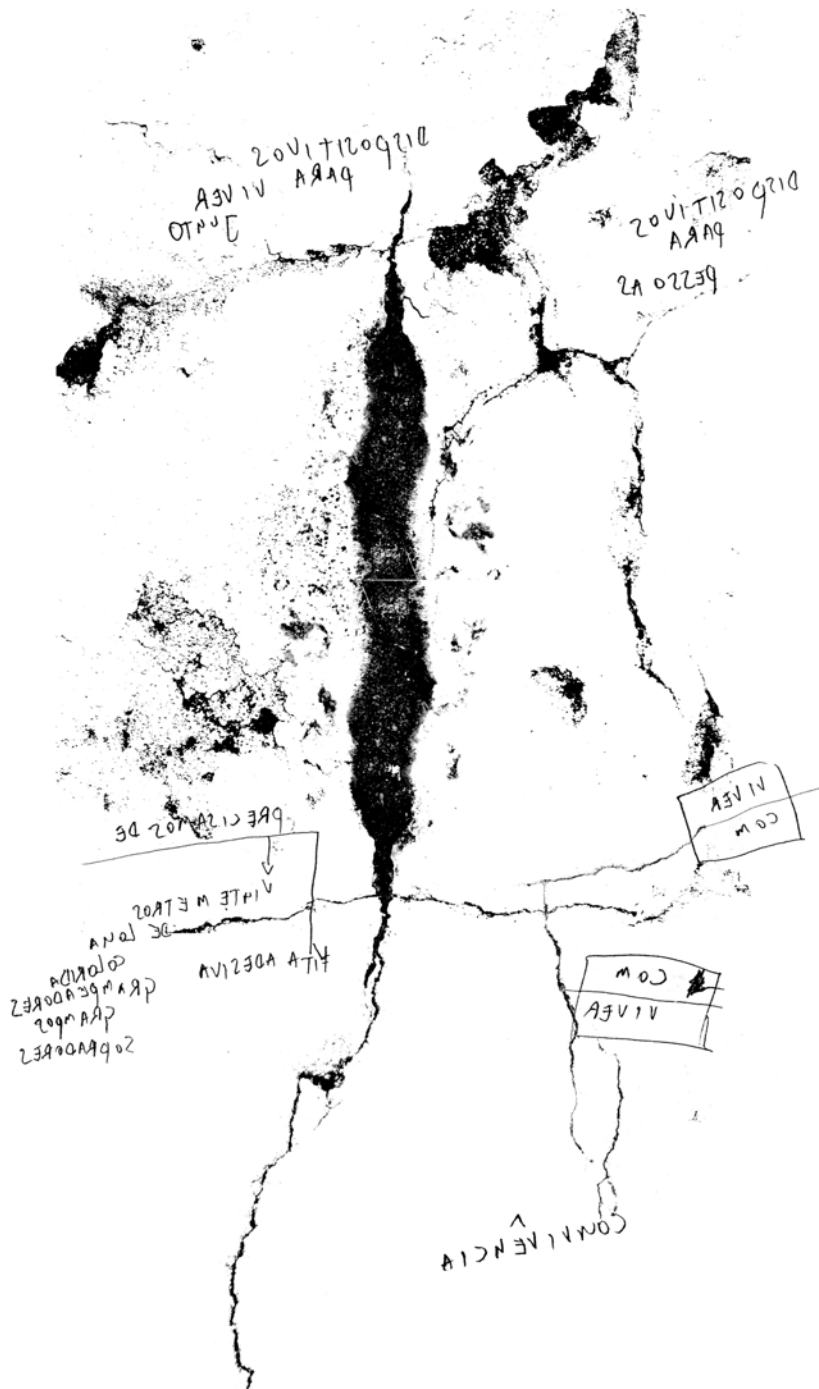
Descreva-os.

Transliteração

Liste 10 palavras que representem sua rua
seu bairro
sua cidade

Crie uma sequência de imagens, em fotografia
ou vídeo, que possa traduzir estas palavras.
Compartilhe com sua rede de amigos.
Copie esta instrução e peça para que façam o
mesmo.





Dispositivos para viver junto.

- Desenrole a lona coletivamente.
- Peça para que todos se organizem em torno da lona.
- Experimente o material.
- Peça para que todos segurem a lona.
- Mova-a para cima e para baixo.
- Repita o processo em diferentes velocidades.
- Observe o ar dando forma ao material.
- Coloque a lona no chão novamente.
- Abra o segundo pedaço de lona sobre o primeiro.
- Grampeie todo entorno da lona, deixando apenas dois espaços para afixar os sopradores.
- Fixe os sopradores com uma fita adesiva e ligue-os.
- Deixe os sopradores encherem este espaço.
- Abra uma pequena fenda para que as pessoas possam entrar neste ambiente.
- Explore este novo lugar.
- Transporte este dispositivo para diferentes locais.

Percurso

Arrisque-se.

Elabore um novo percurso para voltar para casa.

Ande pelo meio-fio.

Feche os olhos por alguns segundos.

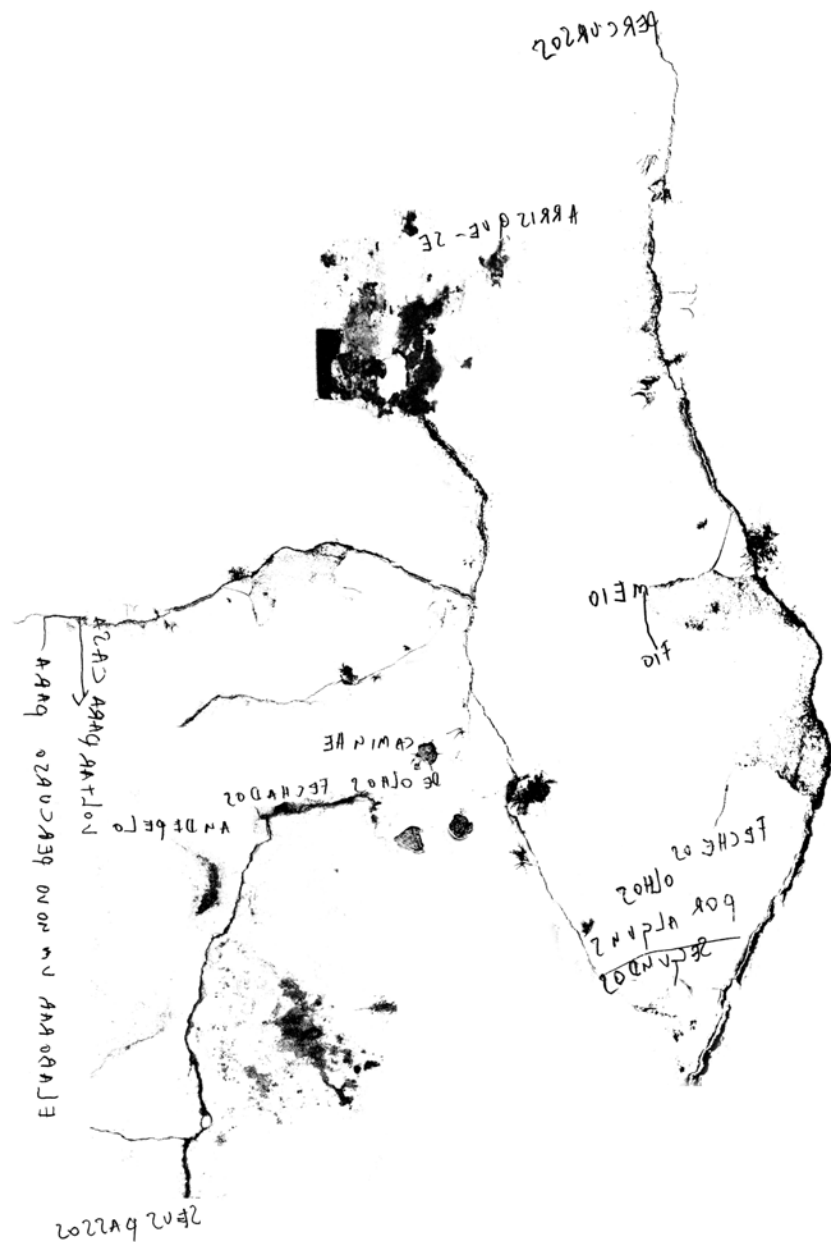
Caminhe de olhos fechados.

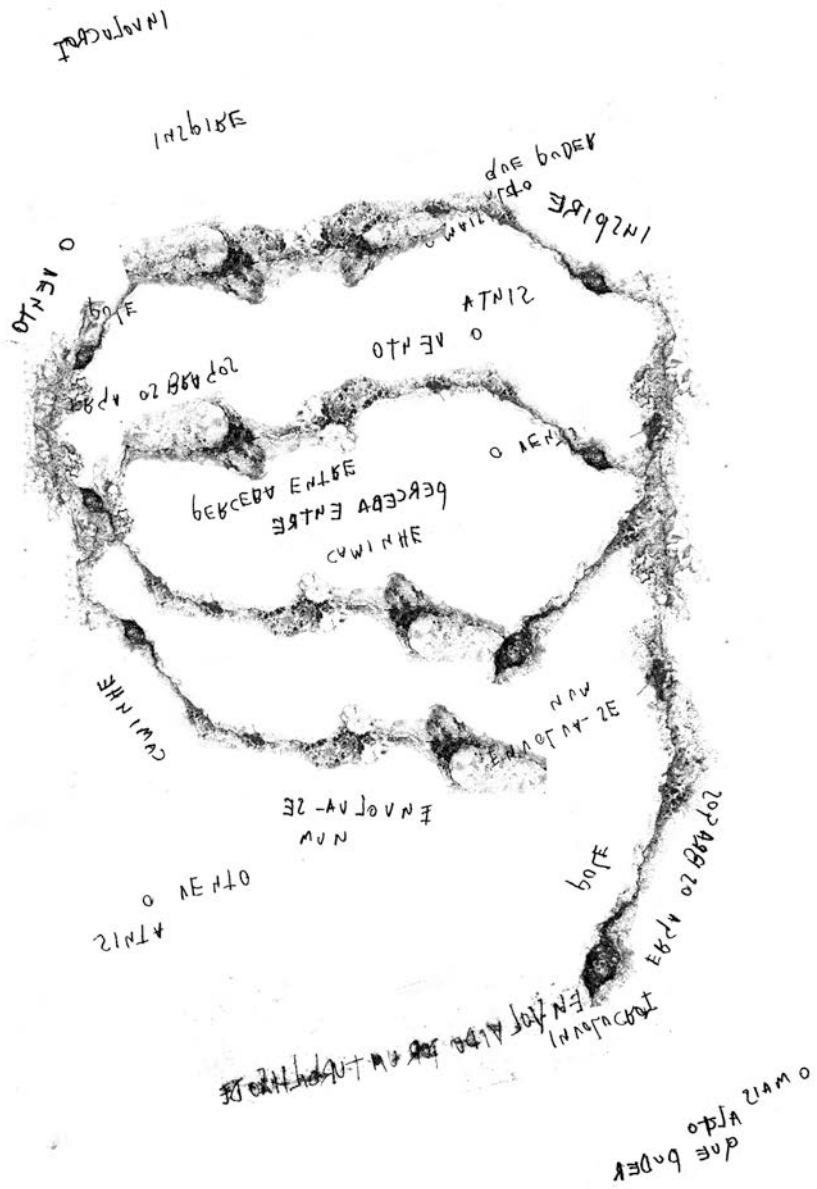
Se balance num galho de árvore.

Suba e desça as escadas, pulando degraus.

Aumente e diminua a velocidade de seus passos.
de sua respiração.

Encontre seu ponto de equilíbrio e desequilibre-se.





Invólucro II

Intervenção.

Escolha um espaço público.

Observe como as pessoas ocupam este espaço. circulam por este lugar. se movimentam.

Desenrole os tecidos e as fitas.

Surpreenda os transeuntes tecendo um novo espaço.

Amarre, estique, pendure.

Sente-se em um ponto e observe as novas relações que se estabeleceram entre as pessoas e o espaço.

Para fazer junto ou não.

Glossário para viver bem

Bullying: s. m. coação reiterada, intimidação ou opressão moral ou física levadas a efeito com ameaças ou violência

Discriminação: s. f. ato ou efeito de discriminar. 1 faculdade de discriminar, distinguir; discernimento; 2 ação ou efeito de separar, segregar, pôr à parte; 3 p.ext. tratamento pior ou injusto dado a alguém por causa de características pessoais; intolerância, preconceito; 4 jur ato que quebra o princípio de igualdade, como distinção, exclusão, restrição ou preferências, motivado por raça, cor, sexo, idade, trabalho, credo religioso ou convicções políticas.

Intolerância: s. f. 1 qualidade de intolerante; 2 falta de tolerância, de condescendência; 3 intransigência com relação a opiniões, atitudes, crenças, modo de ser que reprovamos ou julgamos falsos; 4 comportamento daquele que reprime por meio da coação ou da força as ideias que desaprova; 5 med reação patológica do organismo que se produz quando da ingestão de certos alimentos ou fármacos.

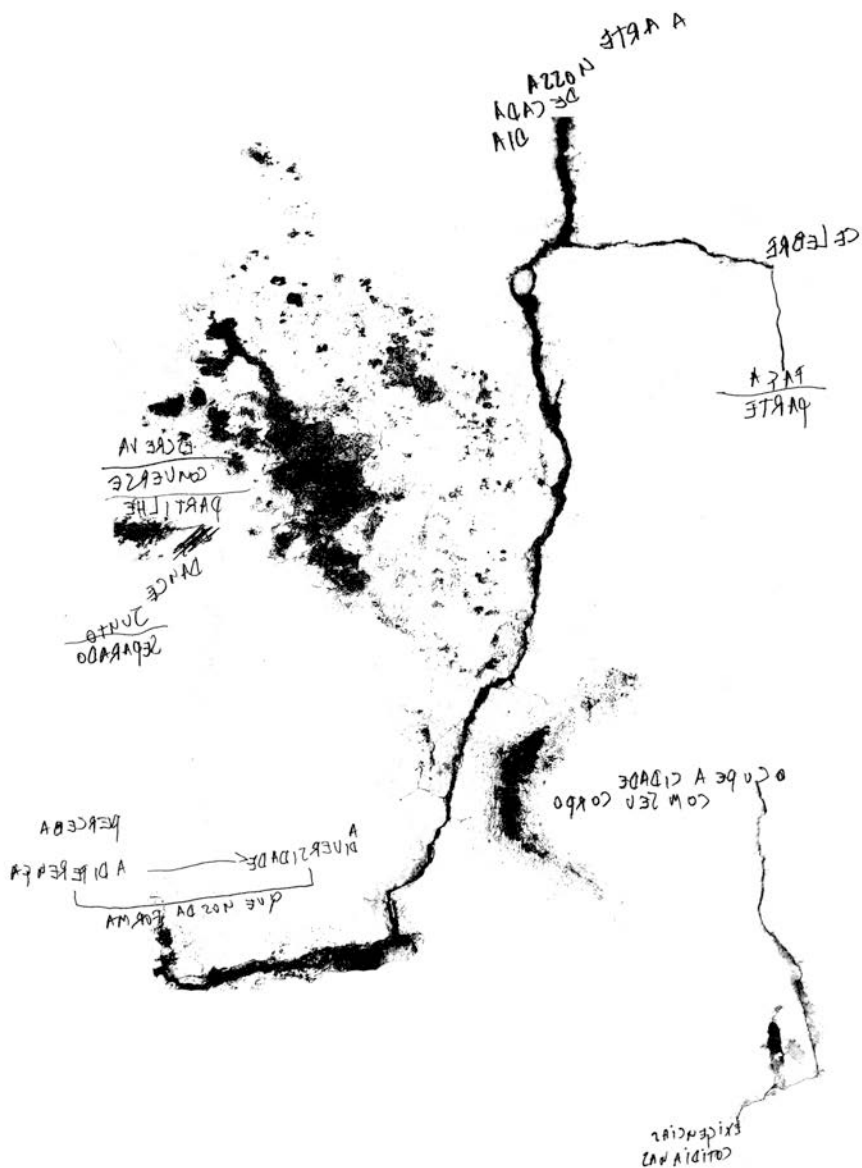
Preconceito: s. m. 1 qualquer opinião ou sentimento, quer favorável, quer desfavorável, concebido sem exame crítico - 1.1 ideia, opinião ou sentimento desfavorável formado a priori, sem maior conhecimento, ponderação ou razão; 2 atitude, sentimento ou parecer insensato, esp. de natureza hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; intolerância cf. estereótipo ('padrão fixo', 'ideia ou convicção'); 3 conjunto de tais atitudes; 4 psic atitude, ger. negativa e hostil, que leva ao julgamento de objetos, opiniões, condutas e pessoas independentemente de suas características objetivas e se exprime ou é gerada por crença estereotipada.

Racismo: s. m. 1 conjunto de teorias e crenças que estabelecem uma hierarquia entre as raças, entre as etnias; 2 doutrina ou sistema político fundado sobre o direito de uma raça (considerada pura e superior) de dominar outras; 3 preconceito extremado contra indivíduos pertencentes a uma raça ou etnia diferente, ger. considerada inferior; 4 p.ana. atitude de hostilidade em relação a determinada categoria de pessoas.

Leia com atenção.

Distribua este pequeno glossário em espaços de convivência.

Faça também seu próprio dicionário.



A arte nossa de cada dia

Celebre.

Faça parte de um jogo.

Dance junto e separado.

Perceba a diferença.

A diversidade que nos dá forma.

Compartilhe uma música num parque.

uma poesia num bar.

uma receita num ônibus.

um livro num banco.

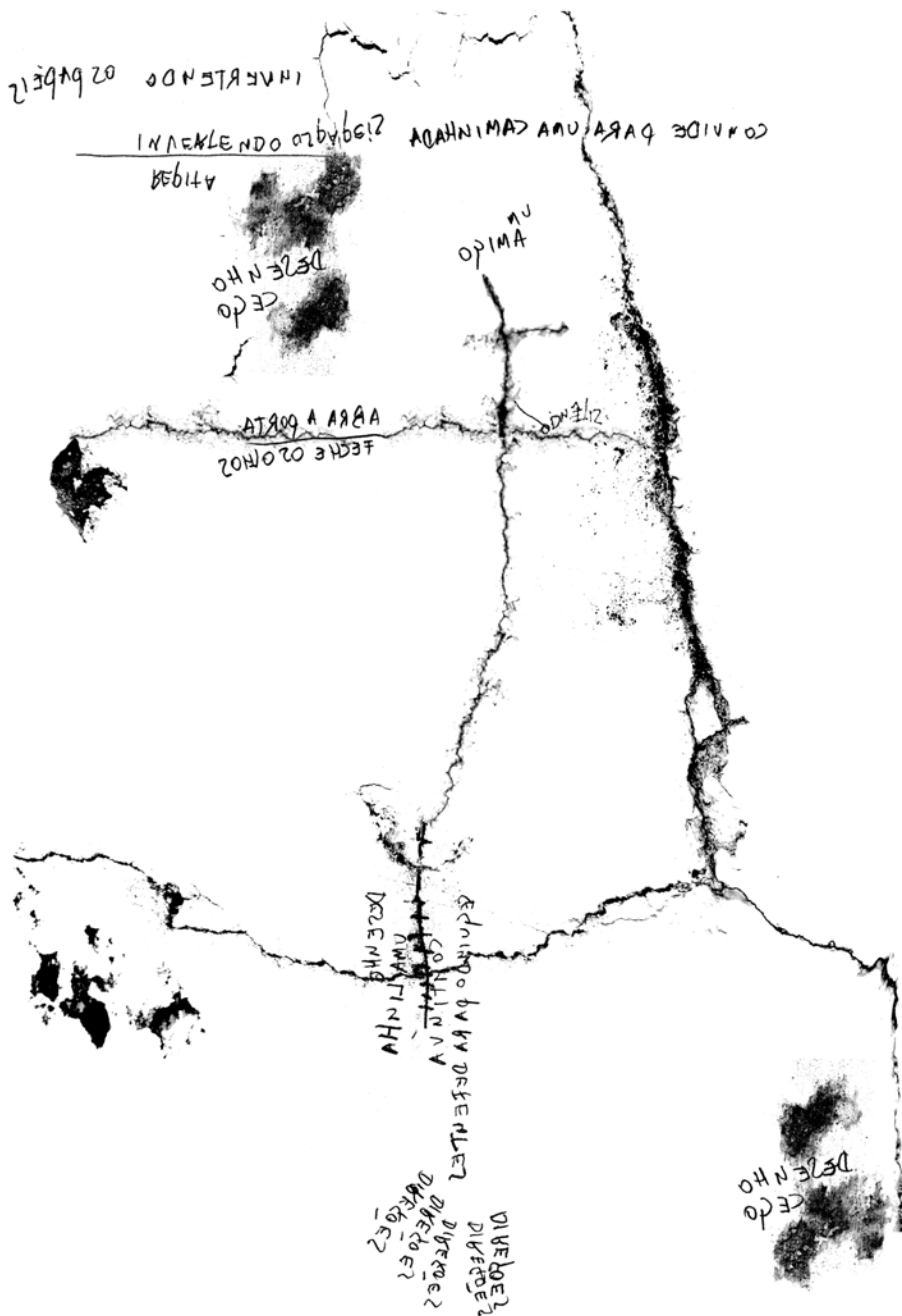
Escreva, converse, partilhe.

Ocupe a cidade com o seu corpo.

Jogo das direções

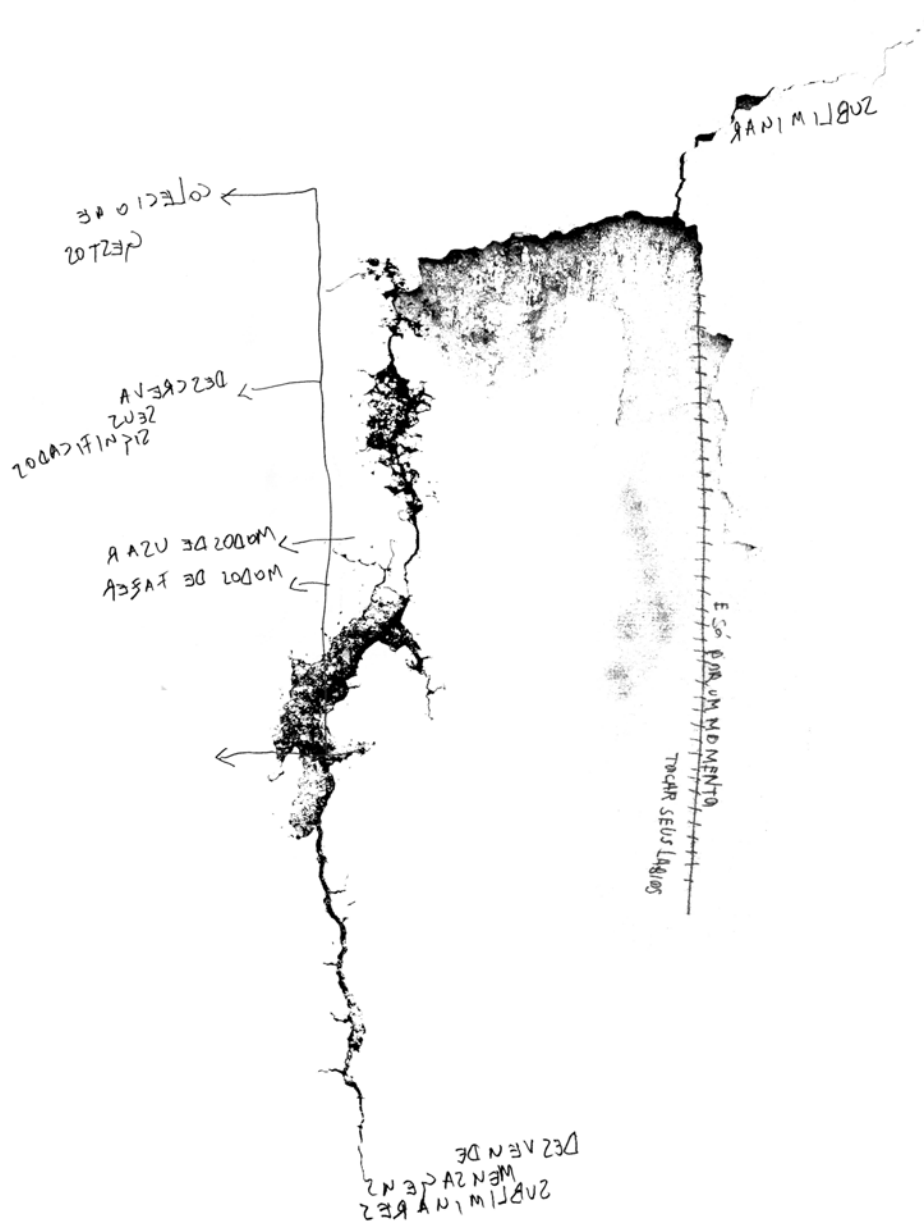
Ouçã o som da cidade.
Tente desenhá-lo com seu dedo.
seu corpo.
Para onde ele te leva?





Desenho cego

Com um amigo e uma folha de papel.
Desenhe uma linha contínua nas costas de seu amigo, seguindo para diferentes direções.
Numa folha de papel peça que ele o registre.
Pegue o desenho e convide seu amigo para uma caminhada.
Abra a porta e feche os olhos.
Repita a operação com seu amigo invertendo os papéis.



Subliminar

Coleção gestos.

Descreva seus significados.
modos de usar.
modos de fazer.

Desvende mensagens subliminares.

Encantado

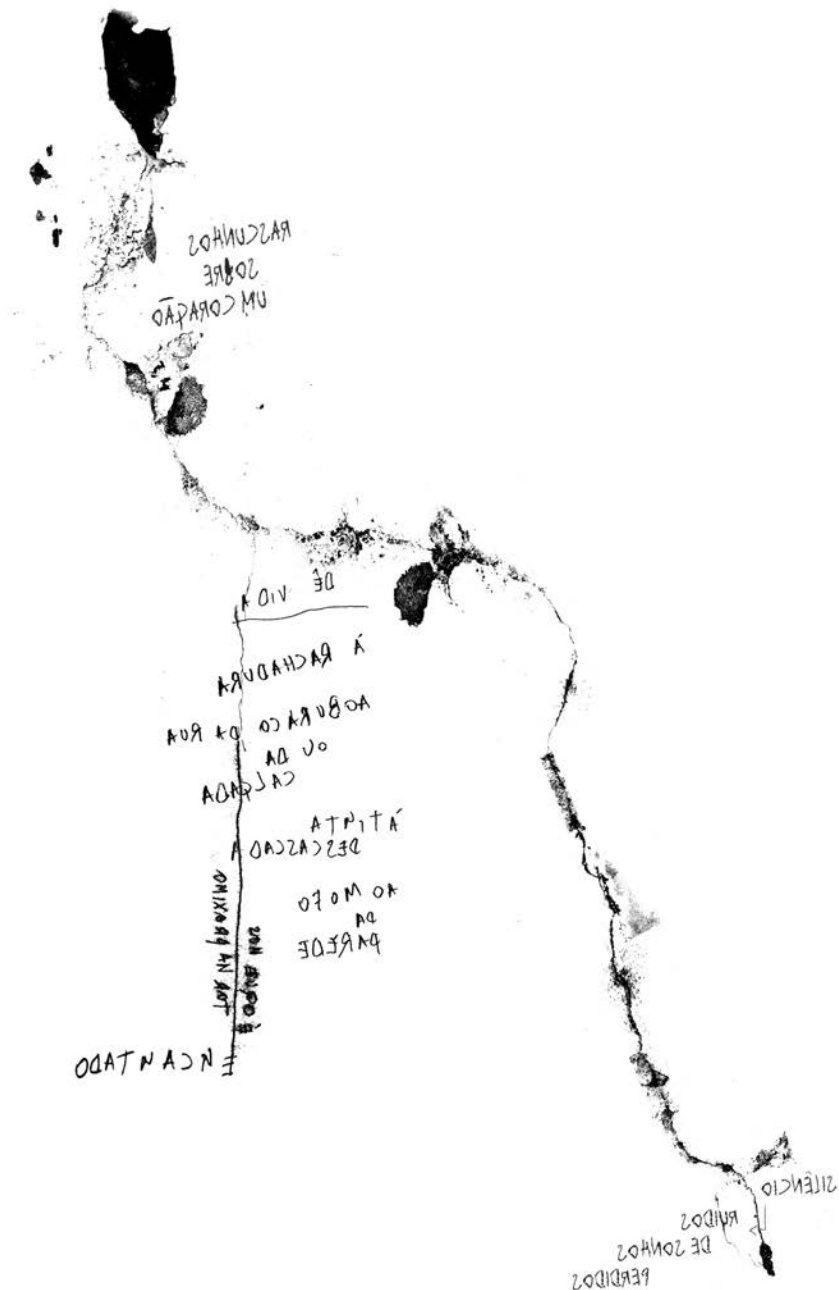
Dê vida.

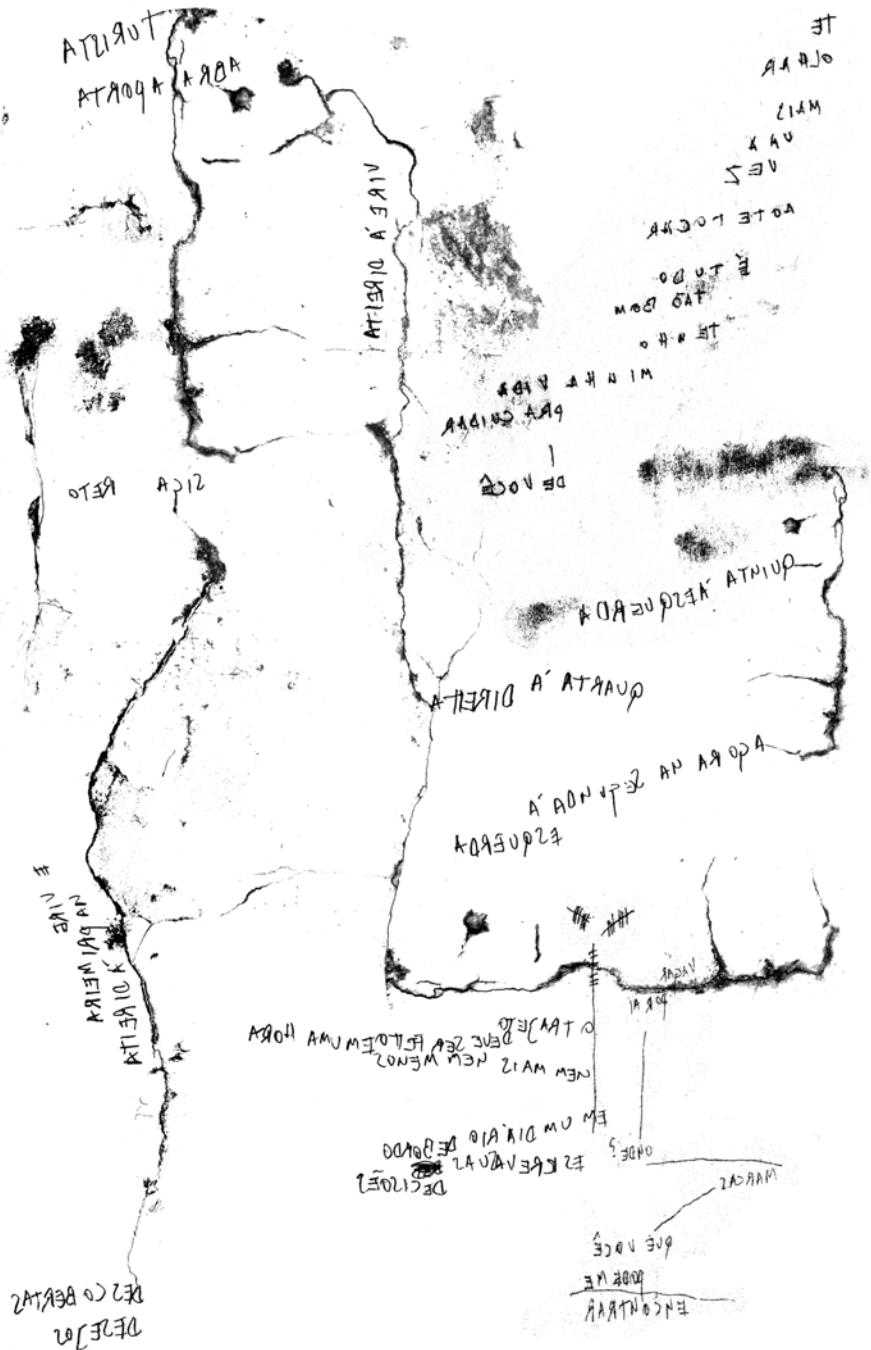
À rachadura.

Ao buraco da rua ou da calçada.

À tinta descascada.

Ao mofo da parede.





Turista

Abra a porta.

Vire à direita.

Agora na segunda à esquerda.

Siga reto e vire na primeira à direita.

Quarta à direita.

Quinta à esquerda.

O trajeto deve ser feito em uma hora, nem mais nem menos.

Em um diário de bordo, escreva suas decisões.

descobertas.

desejos.

Colecionador

Enquanto estiver em trânsito:

- Colecione sorrisos.
- palavras soltas.
- conversas alheias.

Anote tudo em um caderno de bolso, com data e local.

